

Rap é Compromisso: Os Usos do Gênero Por Diferentes Grupos Sociais¹

Carla ZANETT²

Deivison Moacir Cezar de CAMPOS³
Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo identificar os usos do rap por diferentes grupos sociais, utilizando os conceitos de consumo (CANCLINI, 1999), identidade (HALL, 2005) e gênero musical (JANOTTI JR, 2006). Foi realizada uma pesquisa etnográfica, feita pela internet. A amostra foi selecionada por meio de observação de perfis no Facebook, sendo que 21 pessoas foram entrevistadas. Com este estudo, é possível verificar que o consumo individual do rap constrói estilo e pertencimento, enquanto que o consumo coletivo forma identidade. Os usos estão ligados à relação da poesia com a faixa socioeconômica dos grupos.

PALAVRAS-CHAVE: consumo, uso, identidade, gênero musical, Rap.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga os usos sociais do Rap por diferentes grupos socioeconômicos. O Rap surgiu nos guetos⁴ norte-americanos nos anos 1970, como um modo de mostrar à sociedade a forma difícil e violenta em que viviam os negros nestes locais. Em torno do gênero, se construiu a cultura Hip Hop, um modo de vida ligado ao Rap (música), o Break (dança) e o Grafiti (arte). O Rap se caracteriza por uma mixagem de diferentes sons urbanos, em que são combinadas seleções de áudio, televisão, discos populares e outros sons conhecidos (KELLNER, 2001).

No Brasil, a cultura Hip Hop chegou por volta dos anos 1980 na cidade de São Paulo. Conforme Contier (2005), o break foi o primeiro elemento dessa cultura a ser introduzido no país. Os primeiros grupos sociais ligados ao Rap vinham dos guetos, desde o rapper ao público que consumia o gênero. Também no Brasil, “o público, os organizadores dos eventos, produtores da cultura tinham em comum a afrodescendência, a origem migrante e a condição segregada” (SILVA, 1998, p. 84). No entanto, com a circulação da música e a ampliação da audiência, o Rap foi apropriado pelo mercado, segundo Kellner (2001), pela fácil produção e distribuição que a música possui.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Jornalista. Email: carlzanett@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor e Coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil – Canoas. Email: deivison_campos@hotmail.com.

⁴ Qualquer bairro habitado por minorias, dado às pressões e discriminações sociopolíticas e econômicas (dicionário Michaelis online <http://michaelis.uol.com.br/>)

Considerando a grande desigualdade social no Brasil e as diversas periferias existentes no país, onde moram, em sua maioria, negros e pobres, o Rap, como representação dessas comunidades, tem pautado importantes questões da sociedade brasileira. São dessas periferias que surgiram as principais referências do Rap brasileiro, como Racionais MCs, Sabotage e Facção Central, por exemplo. Em suas letras, encontra-se o registro de vivências, realidades, denúncias políticas e sociais.

Por outro lado, há cada vez mais questionamentos sobre a inserção do Rap no mainstream, alegando que sua produção e distribuição em larga escala interfere em seus discursos e em sua recepção social. Dentro deste contexto, o Rap, como fórum cultural, “é um terreno de disputas entre diferentes tipos de rap em que competem diversas modalidades de expressão vocal, visão política e estilo” (KELLNER, 2001). Na última década, essa disputa ganhou novas dimensões com a ampliação, pela mainstream, do uso da denominação MC e com a aproximação do pop.

Desta maneira, o objetivo geral da pesquisa é identificar os usos que pessoas de diferentes grupos fazem do gênero musical Rap. Os objetivos específicos são identificar práticas de consumo cultural dos grupos que ouvem rap e analisar os diferentes usos do rap por grupos sociais. São utilizados nesta pesquisa os conceitos de gênero musical (JANOTTI JR., 2006), identidade (HALL, 2005) e consumo (CANCLINI, 1999).

A pesquisa é exploratória-descritiva, com o intuito de tecer uma visão geral sobre os usos do Rap por diferentes grupos, por meio de uma pesquisa etnográfica através da internet. Foram entrevistadas 21 pessoas, selecionadas a partir da observação dos seus perfis no Facebook, que apontavam suas preferências musicais. A entrevista foi composta por 29 perguntas, considerando faixa de renda, gênero, escolaridade, residência, função e, principalmente, hábitos de consumo.

1 O ESPELHO DERRADEIRO DA REALIDADE⁵

O Rap é um gênero musical que faz parte da cultura Hip Hop, que engloba o break (dança) e o grafite (arte). Os elementos que constituem a música Rap são letra, voz e a batida. O rapper, por sua vez, é chamado também de “Mestre de Cerimônias”, ou MC. Ele trabalha junto com o DJ, o responsável por reproduzir ou fazer ao vivo a batida para o MC. A batida é geralmente uma colagem de diversos sons, mixados sobre uma base, como propagandas, reportagens de televisão, depoimentos de pessoas, sons da cidade, etc.

⁵ Racionais MC's. A vida é desafio. Nada como um dia após o outro dia. (2002)

Também há o efeito chamado *scratch*, um som que resulta de um movimento feito pelo DJ no disco de vinil, em que ele arranha o disco para frente e para traz diversas vezes, e o *back spin*, que se define por “extrair do disco uma frase rítmica, repetindo-a várias vezes e alterando o andamento normal da música” (DAYRELL, 2005, p. 46). Com o surgimento do Rap, também surgem novos modos de criar e produzir música.

O Rap é um gênero que mistura tradições orais afro-americanas com tecnologia, como, por exemplo, a transformação do toca-discos em um instrumento musical. Neste gênero, os arranjos musicais e timbragens são feitos, geralmente, através de instrumentos eletrônicos. Assim, o DJ é o responsável por criar as bases musicais e por produzir os efeitos nas músicas, como o *scratch* e o *back spin*.

Para Kellner (2001, p.228), “os negros americanos têm tradicionalmente usado a música e a linguagem musical como forma privilegiada de resistência à opressão” (KELLNER, 2001, p. 228). Nos anos 70, quando surge o Rap, a comunidade negra via-se apartada - sem oportunidades de emprego, em más condições de vida e poucas perspectivas, num contexto piorado pela crise econômica e um governo conservador.

O Rap pode ser considerado uma forma de “falar ou fazer música em que o R significa rima e ritmo, e o P, poesia - em alguns casos política” (KELNNER, 2001, p. 230). O gênero começa a ser organizado em clubes e festas de rua nos guetos negros de New York, nas quais, conforme Dayrell (2005), os DJs cediam o microfone aos jovens para que eles improvisassem rimas junto a batida da música, tornando-se um “poderoso veículo de expressão política” (KELLNER, 2001).

No Brasil, a cultura Hip Hop chegou por volta dos anos 1980 na cidade de São Paulo. No entanto, o primeiro elemento que se popularizou foi o break. Ele era dançado nos bailes blacks da cidade ao som do soul antes de ganhar as ruas. Esses encontros passaram a acontecer nas esquinas das ruas 24 de Maio, com Dom José de Barros e em frente ao Teatro Municipal. Silva (1998) conta que a concentração produziu conflitos com comerciantes locais. “Devido ao preconceito racial, viram inicialmente no visual breaker algo negativo para o comércio” (p 58). Os encontros foram transferidos para a Estação São Bento do Metrô, onde breakers começaram a compor e cantar Rap.

Apesar do Rap apresentar uma forte característica de contestação social, a difusão do gênero fez com que ele entrasse na esfera de consumo mainstream da indústria cultural. Essa maior circulação produz um debate permanente em relação e

dentro do movimento Hip Hop. A música, consumida e produzida na região periférica das cidades, chega ao centro e do centro ao mainstream. Dayrell (2005) entende que a indústria e o mercado “buscam se apropriar dos novos estilos como forma de alimentar a produção de novidades” (DAYRELL, 2005, p. 42)

Através da mídia, estilos transformam-se em moda e com isso “há uma tendência para apresentá-los de forma simplificada, apta ao consumo de massa” (DAYRELL, 2005, p. 42). Kellner (2001) reforça o fenômeno com uma questão curiosa sobre o gênero, apontando a grande venda das produções mais radicais “ainda que se calcule que mais da metade seja comprada por adolescentes brancos do sexo masculino” (KELLNER, 2001, p. 248).

A popularização efetiva do Rap, no Brasil, se deu com Gabriel, O Pensador, que fez com que a cena ganhasse adeptos até mesmo entre jovens de classe média. O grupo Racionais MCs, por outro lado, conhecido por suas letras carregadas de denúncias sociais, tocava pouco em rádios comerciais e recusavam-se a se apresentar em programas de TV. No entanto, tornaram-se um fenômeno no circuito Hip Hop e ganharam visibilidade a partir da periferia, o que é sinalizado na música Negro Drama: “Entrei pelo seu rádio, Tomei, cê nem viu”⁶.

Há diferentes perspectivas do movimento Hip Hop sobre a relação do Rap com a chamada grande mídia. “Por se tratar de uma cultura marginal produzida em sua grande maioria nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, o Rap se manteve durante muitos anos no Brasil longe dos espaços midiáticos dedicados à divulgação da música brasileira” (NASCIMENTO, 2015, p.6). Essa relação de recusa, no entanto, tem sido alterada e aprofundada por uma nova geração de cantores paulistas que se utilizam da mídia para suas carreiras, como Emicida e Criolo.

Apesar do gênero ter surgido com produções independentes, o Rap chega ao mainstream através do rapper Gabriel, O Pensador, e depois Marcelo D2, que começou em uma banda que mistura rock e Rap, para depois fazer carreira solo no Rap. O gênero visibiliza a disputa entre os que buscam fortalecer a cena e são contra a presença do gênero nos meios de comunicação de massa. Por outro, há rappers que tem como estratégia “Ocupar alguns espaços abertos para a veiculação do rap e manter paralelamente uma rede de produção e circulação musical independente dos grandes meios de comunicação” (NASCIMENTO, 2015, p. 5).

⁶ Disco “Nada Como Um Dia Após o Outro Dia”. Racionais MC’s (2002).

Além de sua carga de contracultura, o gênero tornou-se atraente ao oferecer um estilo e modo de ser dentro da cultura jovem (DAYRELL, 2005). Seja pela cena independente, ou pelo mainstream, a relação da cultura juvenil com a música resulta na formação de identidades e estilos. As diferentes formas de acesso a essa música vão produzir uma diversidade de traduções das marcas e apropriações dos endereços a partir das várias formas de ser jovem.

2 JÁ VIU SEUS PIVETES DIZER QUE RAP QUER CURTIR, OUVIR TE FORTALECE⁷

O Rap surge como uma cultura urbana, na qual os jovens encontraram uma maneira de se expressar. A relação da música com os jovens, de acordo com Dayrell (2005), torna-se aparente a partir dos anos 1950, primeiro com o jazz e depois com o rock'n'roll. Inicia-se então um encadeamento de gêneros nos quais a relação “música-visual-vida” torna-se característica. “Em termos virtuais, os gêneros e suas configurações nas canções, descrevem não somente quem são os consumidores, mas também as possibilidades de significação de um determinado tipo de música para um determinado público” (JANOTTI JR, 2006, p. 8).

No caso do Rap, “ao narrar o cotidiano da periferia e seus problemas numa poesia clara e direta, os jovens passam a se identificar, vendo nelas uma forma de elaborar as próprias experiências vividas” (DAYRELL, 2005, p. 96). Em paralelo aos guetos negros dos Estados Unidos, há um “reconhecimento de experiências similares que resultam na adoção das mesmas referências” (p. 44). Loureiro (2016) ressalta que um fator importante, referente a difusão do Rap, diz respeito a criação de uma espécie de “rede comunicacional de periferia para periferia forjada sobre a experiência comum que normalmente conjuga exploração de classe e opressão étnico-racial (p. 237)”.

Quando tiveram que sair contra sua vontade da África, o povo negro e seus descendentes encontraram jeitos de manter a sua tradição. Gilroy (2001) denomina de Atlântico Negro essa perspectiva de uma territorialidade simbólica e em movimento, um mundo negro, criado em volta do oceano Atlântico, no qual é presentificada a cultura africana. Por suas matrizes, o Rap como cultura contribui para a afirmação de formas de viver, vestir, hábitos de consumo e estilos de vida das pessoas que vivem principalmente nas periferias das cidades.

2.1 PERIFERIA É PERIFERIA...⁸

⁷ Sabotage. Um bom lugar. Rap é compromisso. (2000)

Janotti Jr (2008) afirma que todo produto musical apresenta “marcas e endereçamentos” (p. 2), os quais apontam características de cada gênero. Estes dois pontos referem-se desde a produção musical e de sentido até a performance contida em cada obra. O autor elenca elementos que constituem as marcas e endereçamentos: contexto, circulação, performance gravada, que inclui vocais, ritmo, arranjo musical e timbragem, e a produção musical, a qual envolve equilíbrio das fontes sonoras, mixagem e a ambientação sonora.

No contexto, conforme Janotti Jr (2008), “agregam-se informações sobre os traços biográficos do compositor, dos músicos, dos arranjadores, estratégias de diferenciação nas mídias especializadas e posicionamentos mercadológicos” (p. 3). Também levando em consideração o “produtor musical e a “época de produção” da música, no caso do Rap, os artistas, originalmente e em sua maioria, são negros e vem da periferia. “Grande parte do Rap é expressão do radicalismo na causa negra” (KELLNER, 2001, p. 237).

Os vocais do Rap são elementos muito significativos no gênero, pois o discurso é marcado por vozes rápidas, diferentes e “agressivas”. Esta característica diz respeito a performance gravada. Além disso, Kellner ainda afirma que as rimas são complexas e que as músicas geralmente são compridas, perpetuando uma tradição afro-americana de “contar histórias longas e complexas com variações individuais e refrãos em solo repetidos” (KELLNER, 2001, p. 231).

O ritmo é normalmente tocado com um andamento rápido. Em suas apresentações ao vivo, por exemplo, os rappers chamam seu público para “dançar, balançar e movimentar os braços, às vezes erguer o braço com o punho cerrado ou a mostrar qualquer atitude de desafio” (KELLNER, 2001, p. 232). A junção complexa de rima e ritmo “pode criar tensões entre a espontaneidade da performance e a fixidez da letra” (KELLNER, 2001, p. 231).

Quanto à produção musical, dois elementos podem ser analisados conforme Janotti Jr (2008): o equilíbrio das fontes sonoras e mixagem e a ambientação sonora. O Rap é uma mistura de diversos sons diferentes, mixados para tornarem-se base de uma música. Dessa forma, a apropriação musical é uma das marcas de mixagem deste gênero musical, que é pontuada por esta mescla de sons.

⁸ Racionais MC's. Periferia é periferia Sobrevivendo no inferno. (1997)

Estas técnicas de produção do Rap auxiliam na ambientação sonora do gênero. São inseridos no Rap ruídos da cidade, como barulho de trânsito, obras, sirenes policiais, vidro quebrado, entre outros, que remetem a metrópole, espaço de onde surgiu o Rap. A mixagem desses sons cria o cenário da música (Janotti Jr, 2008). Neste sentido, o Rap caracteriza bem a sua localização: a metrópole que oprime, um lugar que provoca tensão.

O Rap produziu “uma cultura de resistência contra a supremacia e a opressão dos brancos”, que “também assume formas múltiplas de resistências no dia a dia, através da linguagem, do modo de ser, das atitudes e das relações sociais” (KELLNER, 2001, p. 248). O consumo do gênero passa pela apropriação das marcas nele presentes, as quais sugerem consumidores negros e pobres, que estão inseridos em contextos sociais de desigualdade, pobreza e violência.

As tensões provocadas pelas rimas e pelo ritmo do Rap, acompanhados pela base mixada com sons indicando a metrópole, constroem o discurso do gênero, que surge para que os negros possam expressar suas vivências, inquietudes e perspectivas políticas a frente das condições em que se encontram. Ainda, o Rap faz parte da cultura Hip Hop, indicando o consumo do Rap atrelado ao grafite (arte) e ao break (dança).

No entanto, no processo de apropriação e uso do Rap em sua circulação, tanto por meio do Atlântico Negro, como depois pelo mainstream, o gênero teve suas marcas tensionadas e em alguns casos ressignificadas. Essa circulação, principalmente pelo midiático, de maneira geral, “fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem na sociedade” (KELLNER, 2001, p. 9). A cultura Hip Hop tem construído estilos e identidades. O Rap, como elemento mais visível, mesmo fora dessa cultura, tem produzido outras formas de identificação.

3 MEU RAP VAI DE MENTE EM MENTE⁹

O consumo do Rap ocorreu originalmente na periferia em um circuito alternativo. Ao alcançar o mainstream, teve sua circulação aumentada, saindo das regiões periféricas e alcançando outros públicos. Isto ocasiona diferentes formas de acesso ao Rap e a seu estilo, resultando em diferentes apropriações do gênero, inserindo esse produto na oferta de referências para a construção social do indivíduo.

Na pesquisa, para identificar quais são os usos do Rap, os 21 entrevistados¹⁰ foram divididos em dois grupos, considerando sua classe socioeconômica. A escolha

⁹ RZO. Rolê na vila. Evolução é uma coisa. (2003)

aponta uma das marcas do Rap, que é ligado as comunidades pobres. Do total de entrevistados que se dizem ouvintes diários do gênero musical, 85,7% tem faixa salarial de até dois salários mínimos (*grupo A*).

Este grupo tem o perfil do consumidor tradicional do Rap, refletindo aqueles que estão inseridos no cenário social cantado pelos principais artistas do gênero, voltados para a classe socioeconômica mais baixa. Um segundo grupo de ouvintes, que responderam ao questionário, totalizando 14,3%, tem faixa salarial de 2 a 4 salários mínimos (*grupo B*). O segundo grupo aponta para o uso do Rap por pessoas que não estão inseridas nas comunidades originais.

O consumo do Rap para todos os entrevistados iniciou por meio das interações familiares, sociais, ou de locais onde estavam inseridos. Entre o *grupo A*, o Rap é repassado como uma tradição de família, pois mais da metade dos entrevistados entraram em contato com o Rap por meio de familiares. Também ouviam com os amigos, reafirmando a característica de cultura de rua do Rap e de consumo coletivo, fortes marcas do gênero.

Tendo no início sua circulação restrita às pessoas negras e da periferia, quando apropriado pela mainstream, o gênero alcança uma dimensão maior de público, mas não necessariamente perdeu sua ligação com as ruas. O *grupo B* foi apresentado ao gênero fora de seu convívio familiar, somente por meio dos amigos. Este grupo não está, em princípio, inserido nas questões sociais que o Rap expressa, porém apropriaram-se do gênero na rua – através de amigos exclusivamente. Neste caso, a marca de cultura urbana está presente nos dois grupos.

Todos os entrevistados moram em áreas urbanas, o que vai igualmente de acordo com o lugar e tempo que o Rap expressa por meio de suas marcas sonoras, com a mixagem de sons que se referem às cidades. Afirmam que escutam o gênero todos os dias, ao ir e voltar dos seus trabalhos, em casa e em todos os momentos possíveis. O Rap faz então parte do cotidiano de todos os entrevistados, construindo uma trilha sonora para seus trajetos urbanos e para suas vidas.

Essa relação permanente com a música reforça a proposição de Dayrell (2005) que a música está presente na vida dos jovens, faixa etária dos entrevistados, que possuem idade entre 14 e 37 anos. A presença da música na cultura juvenil apoia a

¹⁰ No total, 33 pessoas responderam ao questionário. A escolha de cada uma delas se deu por meio da observação de seus perfis no facebook, os quais apontavam seus gostos pelo Rap. Porém, para esta pesquisa, foram utilizadas apenas 21 entrevistas. O critério usado para seleção foi a frequência com que escutavam o gênero. O grupo selecionado para a pesquisa escuta Rap diariamente.

construção de estilos, nos quais “os grupos juvenis passam a se diferenciar através de identidades características de determinados estilos musicais e estéticos” (DAYRELL, 2005, p. 30). Os mais velhos relatam que entraram em contato com o Rap quando eram mais novos, mantendo, portanto, uma relação duradoura e de identificação com o gênero.

Em relação ao estilo Rap, que inclui questões de linguagem, maneira de vestir, hábitos de consumo e visão de mundo, a maioria dos entrevistados não indicaram fazer uso. No *grupo A*, com exceção de dois respondentes, os outros não frequentam locais exclusivos da cultura Hip Hop. Além do entrevistado que vive o Hip Hop, outro respondeu frequentar um estúdio de gravação independente de Rap, que é o seu local de trabalho, pois é produtor musical.

No *grupo B*, somente um apresenta aproximação com esses locais ao afirmar que seus gastos com lazer são somente com custos de passagem e alimentação quando vai a eventos de Rap. O restante desse grupo gasta uma média de R\$200 a R\$300 reais. Porém, independente da faixa de renda dos entrevistados, os valores gastos com lazer são similares. No *grupo A*, os entrevistados gastam em lazer de R\$50 até R\$600. Os demais dos *grupos A e B* costumam frequentar de dia praças e locais com os amigos. À noite, vão a baladas, barzinhos, reúnem-se com amigos, ou não saem. Não se tratam, portanto, de pessoas ativas no Hip Hop, mas mesmo assim dialogam com a cultura a partir de sua música.

Quanto ao modo de vestir, a maioria dos entrevistados não possui tanta identificação com o estilo Rap. Mesmo assim, os do primeiro grupo apresentam mais referências do Rap do que o *grupo B*. No *grupo A*, 45% dos entrevistados afirmam preferir roupas largas, que remetem ao estilo Hip Hop. No *grupo B*, um dos entrevistados mostra ter adotado o estilo Hip Hop apesar de sua faixa socioeconômica. Além de ser o único a ir a locais dessa cultura, ele também é o único nesse grupo que apropria-se das referências do Rap para se vestir. Entre todos entrevistados, 43% se vestem com roupas largas, que remetem ao estilo Hip Hop. Os outros 57% apostam em roupas confortáveis, simples e básicas. Se não se relacionam diretamente ao gênero, a forma de vestir dialoga com a moda de rua (street ware).

No processo de globalização, as inovações tecnológicas têm um papel expressivo na circulação de informações na sociedade. A substituição do analógico pelo digital aumenta a circulação de informações em todo o mundo. Os entrevistados

afirmam esta questão, pois, entre todos eles, 90% buscam informações pela internet, um espaço virtual com a capacidade de conectar diferentes locais. “Bens e mensagens procedem, agora, de um sistema transnacional desterritorializado, de produção e difusão” (CANCLINI, 1999, p. 232).

Além disso, a circulação do Rap, em dispositivos, segue a evolução tecnológica. “Desde os anos cinquenta, a principal via de acesso aos bens culturais, além da escola, são os meios eletrônicos de comunicação” (CANCLINI, 1999, p. 232). O computador e o telefone são os dispositivos mais utilizados no consumo do Rap pelos entrevistados. Os dois têm em comum a fácil reprodução e acesso a músicas, vídeos e imagens. Essa característica indica que atualmente os jovens tem uma maior aproximação com os estilos do que há alguns anos, podendo construir-se com mais referências. No *grupo A*, metade consome o gênero por meio do telefone e a outra metade por meio do computador. No *grupo B*, dois consomem através do computador e um através de MP3/iPod¹¹.

Na construção do estilo de um grupo, no caso do Rap, há a contribuição das referências do Atlântico Negro. Este território simbólico, por onde circulam informações que fortalecem a cultura afro, torna-se visível em relação ao consumo do Rap. Entre os grupos e rappers citados como referência para os entrevistados, há artistas regionais, nacionais e internacionais. Eles têm como origem o Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Estados Unidos.

Isto aponta para a circulação do Rap em diferentes locais que dialogam entre si por meio da sua música, pois a maioria delas fala da periferia e condições de vida que se repetem para os negros e pobres nos diferentes lugares. No Atlântico Negro, “o caráter oral das culturas africanas combinado à polifonia linguística, provocada pela indiferenciação e mistura dos grupos falantes, levou à utilização da música como um sistema de comunicação” (CAMPOS, 2014, p. 75).

Por sua característica de reapropriação musical e de base para a poesia, o Rap tem nas letras sua principal marca. São essas narrativas que constroem a proximidade entre os jovens em sua relação com o Rap. Na poesia expressa no gênero, encontra-se a experiência similar da população de classe socioeconômica baixa que mora na periferia

¹¹ Entre os dois grupos, o telefone aparece como dispositivo de consumo apenas no *grupo A*. Isto está ligado à faixa socioeconômica do grupo. Por disporem de pouca renda, acabam tendo pouco acesso a computadores ou MP3/iPod, que são suportes mais caros. O telefone, por ter um custo menor e muitas funcionalidades atualmente, insere as pessoas do *grupo A* no digital.

e vive diariamente os mesmos problemas que dinamizaram o surgimento do Rap em 1980.

Todos os entrevistados do *grupo A* se identificam com o discurso do Rap. Afirmam sentir que estão ouvindo um relato de realidade, a expressão das ruas, energia, felicidade, um aprendizado e reflexão. No *grupo B*, apenas um dos entrevistados tem sentimentos que mais se aproximam do que é cantado pelo Rap, como saudade, paz e ódio. Para ele, cada som traz um sentimento, significando uma filosofia de vida. Observa-se com isso que o grupo que apresenta faixa salarial mais baixa é o que mais se identifica com o discurso do Rap. Esta identificação se dá porque os endereços do Rap por suas origens são voltadas a este grupo.

Ao se identificarem com o discurso, os entrevistados demonstram usar o gênero para construir seus modos de vida, como maneira de se posicionar e se diferenciar, pois o sujeito se projeta na sociedade através da identidade. Ela contribui na forma como a pessoa se coloca e enxerga o mundo, como ela vê a si mesma e constrói suas maneiras pessoais de viver e seus hábitos. A identidade está ligada ao viver, e neste caso a faixa socioeconômica do *grupo A* sugere que eles vivem muito do que é exposto da narrativa do Rap, ou reconhecem o que é falado.

Um dos entrevistados do *grupo A* afirma que para ele o Rap significa “Muito. Ele significa sentimento, Ele mostra minha realidade mesmo sem nem me conhecer”. Os entrevistados com perfil do *grupo A* responderam que o Rap também expressa “experiências, vivências e aprendizados em que os mcs tem em suas vida”, trata-se de “Um caminho para a informação para quem necessita”, e oferece “uma maneira de levar consciência e entendimento de cidadania a lugares desassistidos pelo Estado através da arte”.

Além disso, a marca de protesto do Rap também está presente no *grupo A*, uma vez que os entrevistados demonstraram usar o gênero como maneira de expressar seus questionamentos sobre a sociedade. Gonçalves (2003) descreve o fenômeno da relação gênero musical e juventude como um fato que segue o surgimento de novas culturas e formas de sensibilidade. “Conteúdos subjetivos que não conseguem outra forma de expressão transitam pela música, como se esta fosse a forma em que se expressa a juventude” (GONÇALVES, 2003). Para o *grupo A*, o Rap é “uma liberdade de expressão, é poder expor suas ideias e opiniões sobre coisas que acontecem ou aconteceram no mundo”, oferece “a visão da realidade que não é dita nem mostrada”,

sendo uma “ferramenta de protesto e combate às injustiças sociais” e também “a mensagem que está sendo transmitida é a mesma visão que tenho sobre alguns pontos negativos”.

Outro ponto que confirma a marca de protesto e de periferia do Rap são as referências musicais dos entrevistados. Apesar de apresentarem como referência diversos rappers e grupos diferentes de Rap, os mais citados entre os dois grupos foram Sabotage e Racionais MCs. Representantes do Rap de protesto social, possuem letras que retratam suas vidas e suas experiências na periferia. Expressam nas letras opiniões sobre a sociedade, preconceito, violência e injustiça.

Esta relação consolida ainda mais a identificação com o discurso do gênero, pois, entre os outros artistas citados¹², a maioria possui as mesmas marcas que Sabotage e Racionais MCs. Estas duas referências musicais do Rap surgiram e circularam por muito tempo no circuito independente da música. Além disso, apesar de haver nas respostas artistas que fazem parte do mainstream, as referências que prevalecem são as que apresentam as marcas de origem do Rap.

Portanto, mesmo tendo sido apropriado pela indústria cultural, que marca “a transformação do rap em um estilo cultural amplamente identificado pela juventude, com a exploração comercial massiva de uma produção musical associada inicialmente aos guetos negros” (NASCIMENTO, 2015, p. 11), as pessoas não deixam de fazer uso do que aponta ser o principal elemento do gênero: a poesia. Tanto é que os entrevistados do *grupo B*, mesmo não estando inseridos dentro do contexto social característico do Rap, também usam o Rap como forma de expor pontos de vista, além de significar cultura. “A diferença vende, mas a diferença pode provocar efeitos diferentes dos da cultura prevalecente, tal como a produção de identidades e práticas contestadoras” (KELLNER, 2001, p 249).

Nessa perspectiva, a relação do *grupo B* com o Rap se refere ao estilo construído ao consumirem e apropriarem-se do gênero. Os usos do Rap por este grupo só estão ligados a duas marcas do Rap: a cultura de rua e o discurso. O primeiro, devido ao fato de terem se apropriado do Rap na rua, por meio de amigos, e o segundo por também se apropriarem das narrativas e darem outros usos a elas. Já o *grupo A* apresenta mais usos

¹² Além dos mais citados, há uma grande variedade de referências, como RZO, Realidade Cruel, Criolo, Emicida, Marechal, Ogi, Kamau, Fação Central, Black Alien, 509-E, Inquerito, A286, Consciência Humana, Marcelo D2, D Mix Charme Rappers, Tribo da Periferia, Hungria Hip Hop, Família Matrero, Síntese, Inglês, Nego Max, Moita, Felipe Ret, Costa Gold, Oriente, 3030, Cacife Clandestino, Família Mada, Cone Crew, Fabio Braza, A Família, Johnguen, Chicuta MRS, Jacques, Tupac, Wiz Khalifa, Cypress Hill, 50 Cent e Beastie Boys.

do Rap porque estão mais próximos das marcas e endereçamentos que caracterizam o gênero. A maioria afirma identificar-se com o gênero, nesse sentido, o consumo coletivo do Rap por esse grupo, forma, então, identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os usos do Rap são diferentes conforme a proximidade do grupo com as marcas e endereçamentos do gênero. O *grupo A*, com faixa socioeconômica de até 2 salários mínimos, apresenta usos que, em conjunto, formam uma identidade. Esse grupo possui o perfil de consumidor tradicional do Rap, no qual a apropriação se reconhece nas marcas de origem do Rap, refletidas na vida do sujeito. Neste sentido, o *grupo A* está inserido no contexto social da narrativa do Rap, indicando a preferência musical pelo gênero, além do Rap mostrar-se como tradição na vida deste grupo. O *grupo B*, com faixa socioeconômica de 2 a 4 salários mínimos, não está inserido nos locais de origem do Rap. Porém, por meio da marca cultura urbana, característica do Rap, teve acesso ao gênero. O acesso se deu na convivência com amigos, fora de sua vida familiar. Os usos tem caráter mais de gosto do que de identidade.

O principal uso do Rap entre os dois grupos acontece por meio das letras e da poesia do Rap. No *grupo A*, os usos dizem respeito a vida em comum que os entrevistados possuem com o discurso do gênero. Esse grupo usa o Rap como forma de se expressar, como informação, como consciência sobre a realidade que vivem. Já no *grupo B*, o uso se refere a entretenimento. Visto que esse grupo não é um consumidor tradicional do gênero, os entrevistados se apropriaram do discurso do Rap, construindo um estilo a partir das músicas. Para eles, o Rap é uma cultura e, às vezes, uma maneira de expor opiniões. Além disso, nesse grupo há um entrevistado com hábitos de consumo muito próximos da cultura Hip Hop, indicando uma identidade, pois demonstra ter adotado e se apropriado do estilo.

Também relativa a questão musical do Rap, está a marca de protesto do gênero. Os dois grupos manifestam o uso dessa marca ao citar como referências músicas de artistas que são exemplos de Rap de protesto social. Nesta questão, as referências são as mesmas para os dois grupos, porém o *grupo A* está ligado ao pertencimento, enquanto que o *grupo B* está ligado ao estilo. Isto porque os hábitos de consumo do *grupo A* fazem parte da origem do Rap, e está inserido na cultura Hip Hop. O *grupo B* não apresenta hábitos de consumo próximos as marcas do Rap.

Além disso, os dois grupos não apontam usos dos demais elementos do estilo Rap, ainda que o *grupo A* esteja mais próximo e faça mais uso desses elementos que o *grupo B*. O que se percebe de fato é o diálogo formado com a cultura Hip Hop por meio da sua música, o Rap. Desta forma, o uso do discurso do Rap pelo *grupo A* está relacionado ao se reconhecer na música. Os entrevistados apresentam as mesmas características entre si e no que se refere as origens do Rap. Na maioria das poesias, embaladas por mixagens com sons que provocam tensões, há discussões sobre os problemas sociais que atingem as populações com baixa renda, formando uma identidade de grupo.

O *grupo B*, por sua vez, assiste às imagens normativas do Rap de fora do seu contexto. A relação do grupo com o gênero se dá através da apropriação e uso do Rap como cultura urbana e da poesia do Rap. Pela faixa socioeconômica desse grupo, estes usos estão relacionados com o gosto. Assim, apropriam-se do Rap, construindo estilo, não identidade. A música possui uma conexão histórica com os jovens na concepção de estilos, formação de identidades e maneiras de ser. Além disso, a música é o bem simbólico mais consumido em todo o mundo.

Nesta pesquisa, conclui-se que de fato a música oferece elementos identitários e é usada na cultura jovem. A medida em que o gênero é consumido, ele é reapropriado, participando da construção do estilo de grupos juvenis. A isso se deve o acesso diversificado da música, que gera várias representações dos jovens na sociedade. Esta relação do jovem com o Rap constrói elementos de diferenciação através de identidades, formando características próprias de determinado grupo.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **Do disco a roda: a construção do pertencimento afrobrasileiro pela experiência na festa Negra Noite**. São Leopoldo. 2014. 222f. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2014. PDF.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CONTIER, Arnaldo Daraya. **O rap brasileiro e os Racionais MC's**. Simpósio Internacional Do Adolescente. Ano 1. 2005. Disponível em: < http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100010&script=sci_arttext> Acesso em: 20 ago. 2015.

DAYRELL, Juarez. **A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência.** São Paulo. Ed: 34. 2001.

GONÇALVES, Maria das Graças. No movimento do *Rap*: marcas da negritude. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. **De preto a afro-descendente: Trajetos de Pesquisa sobre o Negro, Cultura Negra e Relações Étnico-raciais no Brasil.** São Carlos: EdUFSCar, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. Disponível em: http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/psicologia/a_Identidade_Cultural_Da_Pos_Modernidade.pdf. Acesso em 22 de jun. 2016.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. De Que Lado Você Samba? Uma proposta de análise midiática da música popular massiva. **Ícone.** n.2. dez 2008. V. 10. Disponível em: <<http://revistaicone.hipermoderno.com.br/index.php/icone/article/view/31/30>> Acesso em: 18 ago. 2016.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Por uma análise midiática da música popular massiva. Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. **E-Compós.** ago. 2006. v. 6. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/84/84>> Acesso em: 01 ago. 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: EDUSC, 2001.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. Arte, cultura e política na história do *rap* nacional. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros.** n. 63. abril. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0235.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2016.

NASCIMENTO, Mayk Andreele. **O rap e a indústria cultural: entre o underground e o mainstream.** Reunião Equatorial de Antropologia, V, 2015, Maceió, Disponível em: <http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020657_30_06_2015_17-07-54_6409.PDF> Acesso em: 29 jul. 2016

SILVA, José Carlos Gomes da. **RAP na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana.** Campinas, 1998. 285f. Tese (doutorado), Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. PDF.